

O subsecretário do Tesouro, David Mulford, esclarece: não há aval norte-americano para o Brasil negociar a questão da dívida com o FMI sem se preocupar com juros em atraso aos bancos privados.

Dívida: Estados Unidos não dispensam juros.

O subsecretário do Tesouro dos Estados Unidos, David Mulford, esclareceu ontem que “em nenhum momento” de sua conversa com o secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, Antônio Kandir, na quinta-feira, indicou qualquer disposição de Washington de tolerar o não pagamento dos juros atrasados aos bancos como parte de uma estratégia de normalização das relações do Brasil com a comunidade financeira internacional. “A acumulação de atrasados é um fenômeno muito negativo para o Brasil. Acredito que o governo brasileiro compartilha dessa visão. Os atrasados têm de ser tratados num pacote global. Mas em nenhum momento indicamos que toleraremos o não pagamento”, afirmou Mulford, numa entrevista via satélite transmitida pela Worldnet para o Brasil e a Argentina, no início da tarde de ontem. “É do interesse do próprio Brasil que a questão dos atrasos seja tratada assim que possível”, acrescentou.

O esclarecimento do subsecretário foi feito em resposta a relatos publicados ontem na imprensa brasileira sobre a conversa entre Kandir e Mulford sugerindo que o Brasil havia conseguido um aval americano para negociar rapidamente um acordo com o Fundo Monetário Internacional sem se preocupar com a questão dos atrasados com os bancos, que já passam dos US\$ 7 bilhões e chegarão perto de US\$ 10 bilhões até o fim do ano. Essas notícias foram recebidas com preocupação na manhã de ontem pelo próprio Kandir e pelo embaixador do Brasil em Washington, Marcílio Marques Moreira. Retomadas pelas agências internacionais, elas levaram Mulford a programar a entrevista na Worldnet, e uma segunda no programa “Moneyline”, da Cable News Network, na noite de ontem, para explicar que Washington não dera um cheque em branco a Brasília.

Na verdade, o que Kandir indicou, numa entrevista coletiva na embaixada do Brasil, na quin-

ta-feira, é que tanto Mulford como o diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus, haviam compreendido a estratégia brasileira de não reconhecer nenhuma conexão formal entre as negociações com o Fundo e os bancos. Mas, durante a conversa de meia hora com os jornalistas o secretário de Política Econômica forneceu fortes pistas de que, como resultado dos dois encontros, o Brasil aceleraria seu cronograma de entendimentos com os credores privados. “É importante negociar o mais rápido possível com os bancos, porque reduzir a dívida é uma preocupação nossa”, afirmou Kandir. Ele enfatizou que seria incoerente executar um programa econômico destinado a integrar um Brasil modernizado na economia internacional e manter, ao mesmo tempo, uma atitude de não negociação com os bancos. O embaixador Marcílio Marques Moreira afirmou, depois da entrevista de Kandir, que as duas negociações, embora descontextualizadas, poderiam “overlap” ou seja, sobrepor-se.

Wilson Pedrosa/AE

Parecia claro, assim, que em consequência da passagem de Kandir por Washington, onde veio para abrir as negociações com o FMI, a posição oficial do governo em relação aos bancos evoluiria. A atitude inicial, exposta pela ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, e pelo negociador da dívida, Jório Dauster, era negociar primeiro com o Fundo, depois com o Clube de Paris e a seguir com os bancos, mais para o fim do ano. Segundo fontes do Tesouro, Mulford deixou claro a Kandir que a insistência nessa sequência tornaria as coisas muito difíceis.

Ontem, depois de encerrar seus contatos no Fundo, o alto-funcionário deu mais uma indicação de que captara a mensagem americana. Ele disse que, a partir desta segunda-feira, a equipe econômica começará a discutir o formato da negociação com os bancos.

Paulo Sotero, de Washington.